

EDITORIAL

Neste primeiro número de *Metaxys*, o Programa de Pós-Graduação de Políticas Públicas em Direitos Humanos do NEPP-DH/UFRJ procura apresentar dimensões das violações de direitos humanos. Um olhar sobre a conjuntura, com a reflexão do Professor Marildo Menegat, instigante e crítica em relação ao esgotamento do modo petista de governar face aos desafios que são apresentados por uma reflexão que parte da visão de longo prazo da dialética negativa do capitalismo tardio. O Professor Ladislau Dowbor nos convida a uma leitura da economia política sob o ângulo da produção de bens públicos, construindo elementos para um novo marco conceitual na crítica ao modelo de desenvolvimento indicando os caminhos que resgatam a temática da infraestrutura orientada pela perspectiva de uma gestão social alternativa ao modo neoliberal de condução da ação do Estado. Como desnaturalizar a desigualdade num país que como diria Darcy Ribeiro é máquina de gastar gente? Edna Maria Galvão de Oliveira nos brinda com uma análise e uma perspectiva que representa o resultado de uma análise questionadora da questão do trabalho infantil. A pesquisa e ação para a formulação de políticas públicas em direitos humanos devem contribuir para afirmar um eixo político educativo sem o qual não poderemos superar o nosso regime histórico de “apartheid social”, o eixo do trabalho infantil é decisivo para desvendar a complexidade e as interações entre os fatores que reproduzem nossa desigualdade social a partir da exploração do corpo e da imagem das crianças e adolescentes em no Brasil.

Avançar na pesquisa com uma base na ação individual e coletiva, nas resistências contra as violações de direitos e na superação da desigualdade exige uma grande modificação dos referenciais metodológicos de pesquisa. Situar a perspectiva da luta feminista na relação com os processos sociais remete ao conjunto das questões que ligam subjetividade, corpo e território. O artigo de Joana Emmerick Seabra busca articular os elementos teóricos conceituais que destacam a centralidade das práticas espaciais, os movimentos e conflitos cotidianos que servem para a construção das cartografias da ação e da criação de espaços de contra-hegemonia no cotidiano das cidades, fortalecendo outras narrativas.

Como situar a complexidade da questão da cidadania na relação com o processo histórico? Ilma Rezende articula dimensões históricas traçando um quadro interpretativo das dimensões institucionais e políticas da construção da cidadania. Ela nos apresenta o marco normativo que deriva das conquistas que se materializaram numa certa escrita

institucional, num avanço ético, situando as referências indispensáveis para sintetizar os elementos de uma abordagem analítica e metodológica da questão da cidadania com base numa moldura que leva em conta uma ampliação não linear dos direitos desde a sua integralidade civil, política, social e cultural.

O conhecimento-ação e crítica da gestão social a ótica político educativa e a busca de uma outra economia se relacionam com a centralidade da periferia. A resenha de Fernanda Barros destaca a importância da pesquisa sobre a vida social nas favelas e de um outro olhar, desde o ponto e vista dos moradores e desde um tipo de pesquisa que leva em conta as dimensões espaciais da dominação sobre as populações segregadas, do ponto e vista de raça e de classe. Por isso, escolhemos o estudo sobre o Complexo do Alemão, tão em voga nas imagens de intervenção e controle por parte dos governos e da mídia.

Mas olhar do avesso exige repensar as bases e a relação entre direito, recolocando em questão as leituras hegemônicas da relação crime e sociedade. João Ricardo Dornelles completa o painel de questões sobre a exceção e o excesso do poder jurídico e policial na atualidade. Apresentando a contribuição teórica e prática da criminologia crítica para pensar a sociedade carcerária e a estrutura social brasileira no contexto internacional neoliberal e de guerra difusa que acentua a lógica dos encarceramentos em massa e mesmo do genocídio social. O que deve ser um eixo estratégico para combatermos o fato de que a política social seja sempre substituída ou subordinada por lógicas de destituição, aprisionamento, tortura e mesmo eliminação como vemos na explosão da barbárie.

A relação capitalismo tardio e apartação social, neoliberalismo e violação de direitos das crianças, dos jovens, das mulheres e das periferias liga as questões mais instigantes da desigualdade e da segregação social e racial com a gestão social do neoliberalismo, com a problemática apresentada por Marildo Menegat ao nos definir os contornos e a genealogia da barbárie. O modo de problematizar a relação entre punição e estrutura social, como faz João Ricardo Dornelles, amplia os elos e usos da noção de barbárie da relação com a violência institucional permanente, com a dinâmica que relaciona a “parte maldita”, a produção do excedente em condições intensificadas de destruição de direitos no capitalismo tardio marcado pelo encarceramento, gestão pelo medo e endividamento.

Na parte que Metaxys reservou para uma entrevista, nosso intento de entrevistar Zygmunt Bauman acabou se transformando pelo falecimento deste grande intelectual público. Convidamos Luis Carlos Fridman para suprir esta lacuna com uma entrevista em que ele nos apresenta as grandes linhas, as contribuições e o alcance da obra deste grande sociólogo e pensador que realiza uma das mais importantes críticas ao mal-estar na pós-modernidade. Nas questões que apresentamos, enfatizamos a nossa ótica de embate com os desafios da colonialidade e do neoliberalismo em tempos sombrios em que a democracia e os direitos estão golpeados pela condução ilegítima e anticonstitucional da crise de representação e do eu entrelaçamento com os problemas da acumulação capitalista e da crise global no Brasil.

Murilo Peixoto da Mota

Pedro Cláudio Cunha Bocayuva